

10-2017

## África do sul: ao serviço dos pobres

José Manuel Sabença

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

---

### Recommended Citation

Sabença, J. M. (2017). África do sul: ao serviço dos pobres. *Missão Espiritana*, 27 (27). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol27/iss27/65>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

dos a partilhar a vida a todos os níveis para a construção de um país próspero onde todos possam viver, ser felizes e louvar a Deus com um só coração e uma só alma. Porque acreditamos nisto continuamos a dar-nos a este projecto Hostel que é o projecto de levar o Evangelho aos mais pobres e abandonados.

*'Encontro', outubro de 1993, pp. 8 e 9.*

## ÁFRICA DO SUL AO SERVIÇO DOS POBRES

Na proximidade da quadra natalícia venho partilhar convosco algo mais sobre a nossa experiência missionária nos últimos tempos.

Apesar do acordo alcançado a 17 de Novembro em ordem à preparação das eleições para todos, em Abril próximo, há ainda muita incerteza acerca do futuro e muita violência que vai ceifando vidas humanas. Oxalá que a paz, que transborda do presépio, inunde os corações de quantos habitam nesta terra.

Desde há 5 meses que estamos na nossa casa, neste bairro negro chamado Lamontville. Sem grandes alaridos temos vindo a ganhar a confiança desta gente, embora muitos, sobretudo fora do bairro, nos perguntem se não temos medo. Não há razões para isso até porque procuramos viver muito ao jeito simples desta gente. Não temos empregados, nem televisão.

Só cozinhamos uma refeição por dia, ao meio-dia normalmente. À noite contentamo-nos com umas sandes e chá ou café. Tudo isto e a nossa vontade de servir faz com que a nossa comunidade seja aberta a todo e qualquer um que nos bate à porta. A nossa sala de estar/cozinha, por exemplo, é muitas vezes usada pelos paroquianos para reuniões, sobretudo ao domingo, o que faz com que comecemos a cozinhar só lá para as 2 h ou 3 h da tarde... já bem cheios de apetite!...

Esta mesma dinâmica de serviço vamos desenvolvendo nos Hostels. É um velhote, doente e abandonado, que precisa de ir para uma casa de III idade; é um trabalhador que é explorado e mal pago pelo patrão; é a polícia que dificulta a vida a quem vende cerveja passando-lhe muitas ilegais; é um grupo de pessoas que nos pede para rezar com os familiares daquele jovem que foi assassinado na sua barraca; é mais um grupo que vai crescendo pela oração; é uma máquina de costura que é preciso levar para compor porque a

mulher que está a ensinar as outras não percebe muito do assunto mas tem boa vontade.

São horas e horas, de porta em porta, ouvindo o clamor de centenas senão milhares de desempregados...

Escutar o clamor dos pobres ajuda-nos a descobrir o profundo sentido da encarnação.

Que neste Natal Cristo incarne em cada um de nós pela identificação com os pobres a quem somos enviados.

Votos de um Santo Natal e um Novo Ano cheio de fecundidade apostólica.

*'Encontro', janeiro de 1994, p. 27.*

## ÁFRICA DO SUL CANTA TERRA BEM AMADA

A proximidade da 'nossa' festa de Pentecostes convida-me a partilhar convosco a experiência de ressurreição e Pentecostes por que passou esta terra nos últimos tempos. Com certeza que os jornais e a T.V. vos mantiveram informados, quase diariamente, sobre os acontecimentos, sentimentos, esperanças e medos que traçaram a história da África do Sul recentemente. No entanto, gostaria de partilhar convosco a "minha versão" desta história que, ao que me parece, tem as marcas do Espírito de Deus.

Antes da Páscoa a violência política aumentou tremendamente na Província do Natal onde vivemos. Um dos Hostels que visitamos envolveu-se em conflito com os bairros vizinhos. Houve casas queimadas, mortos de parte a parte, refugiados, crianças sem escola, etc. A capela-barraca que tínhamos acabado de construir nunca chegou a ser inaugurada como capela, porque os cristãos têm receio de se reunir à noite. No entanto, depressa vimos que podia ser usada como barraca-escola para as crianças que, por medo, não vão às escolas oficiais nos bairros vizinhos. Assim o fizemos e passamos de padres a professores. Tarefa árdua, sobretudo se temos de ensinar em Zulu. Ainda agora continuamos o mesmo trabalho porque a reconciliação, localmente, ainda não se operou. Todo este ambiente de desconfiança, medo, violência nasceu da diferença entre dois principais partidos: o ANC de Nelson Mandela, agora presidente da Nova África do Sul, e o IFP de Buthelezi que se negava a concorrer às eleições, ameaçando lançar o país num ambiente de guerra civil.